



BRAZILIANart II

LIVRO
DE ARTE
BRASILEIRA

MAM

BRAZILIANartBOOK II

Editor / *Publisher:*

Marcos Barbosa Lima

Diretoria / *Direction:*

Carla Salomão Barbosa Lima, Fernanda Ferreira Lomaco,
Zélia Franco Barbosa Lima

Curadora / *Curator:*

Nair Barbosa Lima

Jornalista Responsável / *Journalist in Charge:*

Geraldo Mayrink (MTB 1535)

Textos e pesquisa / *Texts and research:*

Geraldo Mayrink, Olívio Tavares de Araújo

Revisão (Português) / *Proofreading (Portuguese):*

Lizete Mercadante Machado

Revisão (Inglês) / *Proofreading (English):*

Regina Stocklen

Tradução / *Translation:*

Thomas Nerney

Produção Gráfica / *Graphic Art Production:*

Luiz Carlos Pereira

Administrativo / *Administrative:*

Alexandre Ferreira Lomonaco, Alessandra do Nascimento,
Joana D'Arc Silva Monteiro

Marcas e Patentes / *Trademarks and Patents:*

Logos Consultoria e Assessoria

Consultoria Jurídica / *Legal Advise:*

Dr. Adhemar Valverde, Dra. Mônica Heine

Colaboradores / *Collaborators:*

Cecília Barbosa, Saíd Salomão, Anivalda Gomes Salomão,
Maria de Lurdes Mello, Gustavo Mayrink, Tereza A. Maluf

Bureau / *Bureau:*

Studio Gráfico Perfil

Tratamento de imagem / *Image treatment:*

Ricardo Lopes

Design gráfico / *Graphic design:*

Bracher & Malta

Impressão / *Printing:*

Donnelley Cochrane Gráfica e Editora do Brasil Ltda.

Distribuição / *Distribution:*

JC Distribuidora de Livros de Arte

Homenagem Especial / *Special Honor:*

Gabriela Salomão Barbosa Lima

Jardim Contemporâneo Editora Ltda.

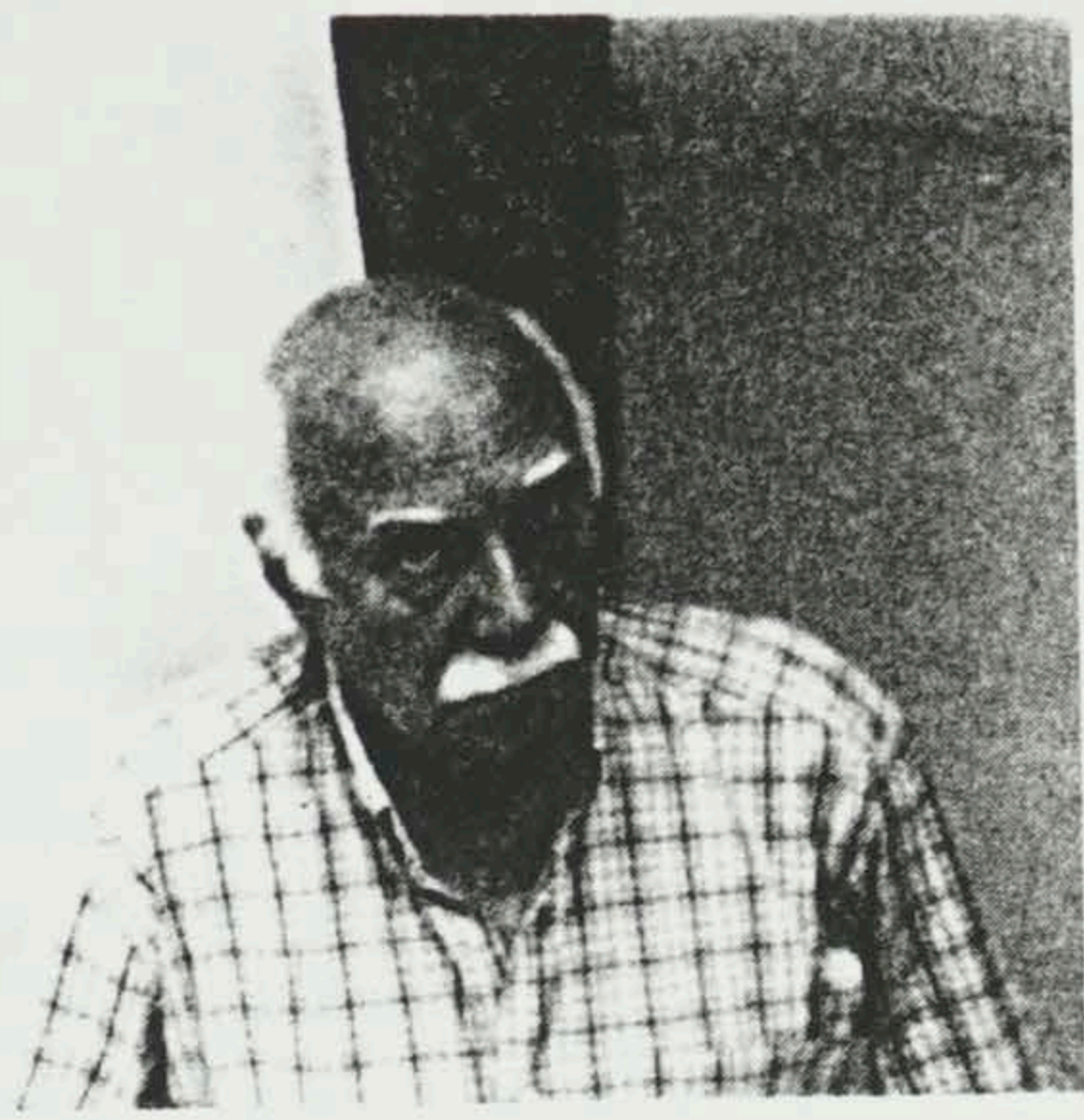
Rua Dr. Melo Alves, 561 - Cerqueira César

São Paulo - SP - Brasil - 01407-010

E-mail: brazilianarted@aol.com

BrazilianArt está registrada no INPI 814 859 569.

É vedada a reprodução ou cópia sem a autorização
expressa do titular. ISSN 1517-4956.



Fiaminghi

FIAMINGHI, A PINTURA COMO LABIRINTO

O percurso de Fiaminghi possui o único caso de real ruptura da Pintura brasileira. Já entre suas telas geométrico-construtivas – aquelas únicas que muitos lembram ao classificá-lo como “pintor concreto”, por pura ignorância – ainda na década de 50, a transparência, desconstruindo os limites da cor chapada e da geometria, inverteu o rumo do pintar. Se, antes, sempre ia da tinta à tela, Fiaminghi foi da tela à tinta, descobriu o avesso da Pintura. A tinta, não mais como cobertura, é matéria-prima de transparências. Com este corte, Fiaminghi entrou e nos levou ao labirinto de sua CORLUZ, sem discurso, sem ordens extrínsecas.

Infinitas situações e escalas para o percurso do olhar, sempre em surpresas: quanto mais se vê, mais se tem a ver. A luz que aí se mostra não é um efeito, uma ilusão de semelhança. Afinal, não existe luz na Pintura. O que as tintas na tela fazem é refletir luz, não? Hiper-construtivo, aquele que cria sua própria geometria, Fiaminghi, com uma cor mostra outras cores, em quantidades ilimitadas e indefiníveis – mesmo quando em única pincelada, não importa a que distância se coloca o observador. Ver suas telas é experimentar uma dinâmica essencial, dupla: a do olhar como atravessar a Pintura e como instrumento para transformar o próprio olhar. Olhar o mundo existe antes e depois de Fiaminghi.

M. A. Amaral Rezende, agosto de 2001

FIAMINGHI

Fiaminghi's painting of a Constructivist who classify his ignorance – constructing – inverting the scene moved from the canvas to the paint. Paint is no longer a transparency. Within the labyrinth of his work, there are no extrinsic orders.

Infinite constant surprise. The light is not a likeness. In his work, there does not exist a paintable quantity of the distance experience as a way of transforming the world before Fiaminghi.

minghi

FIAMINGHI, A PINTURA COMO LABIRINTO

O percurso de Fiaminghi possui o único caso de realismo na Pintura brasileira. Já entre suas telas geométricas – aquelas únicas que muitos lembram – vê-lo como “pintor concreto”, por pura ignorância na década de 50, a transparência, desconstrução dos limites da cor chapada e da geometria, invertendo o modo de pintar. Se, antes, sempre ia da tinta à tela, depois foi da tela à tinta, descobriu o avesso da Pintura, não mais como cobertura, é matéria-prima e transparências. Com este corte, Fiaminghi entrou e nos levou ao labirinto de sua CORLUZ, sem discurso, sem ordens e regras.

Em muitas situações e escalas para o percurso do olhar, há sempre surpresas: quanto mais se vê, mais se tem a ver. O que se vê não é um efeito, uma ilusão de ser real. Afinal, não existe luz na Pintura. O que as telas fazem é refletir luz, não? Hiper-constructivo, cria sua própria geometria, Fiaminghi, com uma infinidade de outras cores, em quantidades ilimitadas e independentemente mesmo quando em única pincelada, não impõe distância se coloca o observador. Ver suas telas é experimentar uma dinâmica essencial, dupla: a do olhar atravessar a Pintura e como instrumento para transformar o próprio olhar. Olhar o mundo existe antes e depois de Fiaminghi.

M. A. Amaral Rezende, agosto de 2001

FIAMINGHI, PAINTING AS LABYRINTH

Fiaminghi's trajectory is the only case in Brazilian painting of a real break or rupture. Of his geometrical-Constructivist canvases – the only ones recalled by those who classify him as a “painter of Concretism,” through sheer ignorance – still in the 1950s, there is transparency deconstructing the limits of solid color and geometry and inverting the sense of painting. Whereas previously he had moved from paint to canvas, Fiaminghi then moved from canvas to paint and discovered the other side of painting. Paint is no longer a covering but a raw material for transparencies. With this move, Fiaminghi took us to the labyrinth of his CORLUZ (color-light) without speeches or extrinsic orders.

Infinite situations and stages for the path of the eye, constant surprises: the more one sees, the more there is to see. The light shown there is not an effect, or an illusion of likeness. In the end, there is no light in painting. After all, does not paint on a canvas merely reflect light? Hyper-constructivist, one who creates his own geometry, Fiaminghi uses one color to show others, in unlimited and undefinable quantities – even in a single brush stroke, regardless of the distance of the observer. To see his canvases is to experience an essential and double driving force: the gaze as a way of experiencing painting and as an instrument to transform the gaze itself. Gazing at the world existed before Fiaminghi and will exist after him.

M. A. Amaral Rezende, August 2001

Fiaminghi